

Caras Camaradas,

1. É-me muito grato estar hoje aqui a pedido da nossa camarada Maria Manuel Augusto, a quem agradeço o convite, para vos falar de "A Mulher nas Religiões".

2. É um tema difícil, sobretudo para mulheres socialistas que, por definição, são favoráveis à igualdade de género, conforme reza a Declaração Universal dos Direitos Humanos, porventura o texto legal mais importante subscrito no século XX e um dos mais importantes da história humana.

3. Declaração que foi elaborada e votada pelas Nações Unidas, em Dezembro de 1948, exactamente, a pensar nas pessoas - na dignidade e na igualdade das pessoas humanas - independentemente da cor, do sexo, da condição social, da opção política ou da orientação sexual.

4. Obviamente que embora seja Presidente da Comissão Independente para a Liberdade Religiosa, não estou aqui a falar nessa qualidade, mas sim como simples cidadão, que sempre se disse, como sabem, "republicano, socialista e laico".

5. Falo-vos, como cidadão português e europeu, cidadão da União Europeia, cujos 27 Estados membros são a favor da laicidade, ou seja, da separação dos Estados das Igrejas.

6. Separação que, no meu entender, representa um avanço civilizacional imenso, na defesa da liberdade religiosa, do pluralismo religioso e do respeito pelas minorias religiosas, nos Estados onde reina o pluralismo. Nas teocracias não há, nem pode haver, liberdade religiosa.

7. Entre nós, a separação do Estado das Igrejas foi consagrada pela lei da I República, feita em 1911, por Afonso Costa. Foi uma lei muito polémica e criticada pelo clericalismo então dominante e louvada pelo anti-clericalismo, que se lhe opunha, com a mesma agressividade. Houve lamentáveis perseguições aos sacerdotes e a expulsão dos Jesuítas, então a mais atacada das ordens religiosas. Foi um conflito desse tipo que fiz tudo para evitar que acontecesse, após a Revolução dos Cravos.

Contudo - curiosamente - a Ditadura Militar e o Estado Novo de Salazar, praticamente, não tocaram na chamada Lei da Separação, limitando-se a negociar com o Vaticano a Concordata, que foi depois revista, como se lembram, logo a seguir à Revolução de Abril (para assegurar o direito civil ao divórcio) e voltou a ser revista em 2004, salvo erro.

8. Entretanto, o Concílio Vaticano II, em 1962, aceitou como um bem a separação do Estado das Igrejas: o regime da laicidade, como regra que é para todos os Estados europeus, com a excepção do Reino Unido, que, sendo um Estado de Direito, obviamente pluralista - como todos sabem - junta na mesma pessoa, Sua Majestade a Rainha, duas qualidades: a de Chefe de Estado e a de Chefe da Igreja Anglicana. Tenta-se porém de uma ficção ou de uma tradição. Nem, por isso, o Reino Unido deixa de ser um Estado pluralista em matéria religiosa, respeitando o laicismo.

9. As religiões - as três grandes religiões monoteístas, pelo menos, as Religiões do Livro - foram reveladas por Deus aos homens e, portanto, cada uma tem a sua verdade, em que os crentes acreditam, como um dogma. O diálogo entre elas é, por isso, difícil, mas não é impossível. O diálogo ecuménico (universal, mas, para os católicos, abrangendo apenas as religiões cristãs) tem vindo a desenvolver-se, com progressos sensíveis, em busca do que lhes é comum, para encontrar os caminhos da paz. Um bom exemplo são os Encontros Ecuménicos, organizados todos os anos pela Comunidade de Santo Egidio.

Na situação em que se encontra o Mundo, de hoje, o pior que nos podia acontecer era voltarmos às guerras religiosas do passado, com cruzadas de sentido contrário, visto que tornariam as relações inter-religiosas praticamente impossíveis. Cairíamos, assim, no "Choque de Civilizações", que profetizou Samuel Huntington num livro com o mesmo nome.

10. As religiões em geral coincidem no amor a Deus - o único e verdadeiro, qual? - E através dele (Deus) coincidem também no amor ao próximo. Mas que próximo? Os fieis ou também os infieis ou os hereges? Os homens (a que se referem especialmente os textos bíblicos) ou também as mulheres, que fizeram comer o fruto proibido? As mulheres fruto do pecado original (Génesis).

Aqui nascem algumas das dificuldades com que as várias religiões lidam com o problema da mulher. Para me expressar em termos populares: "Uma bota extremamente difícil de descalçar"...

11. Falando do judeo-cristianismo e das mulheres no Antigo Testamento é atribuído às mulheres o pecado original, o que as torna definitivamente suspeitas. Não são consideradas. Talvez por isso, não podem exercer o sacerdócio, até hoje. "Tu não cobiçarás a mulher do próximo, nem o seu escravo, nem o seu boi, nem o seu burro, nem nada que lhe pertença." (Êxodo 20/17). As mulheres são sedutoras que convém evitar. "Eu achei mais amargo que a morte, a mulher cujo coração é uma armadilha. O que é agradável a Deus, escapa-lhe, mas o pecador é apanhado por ela". (Eclesiastes 7/26).

12. O Novo Testamento adoça um pouco a situação da mulher: "A igualdade perante Deus vale no Céu, mas não na Terra". "Sabei que Cristo é o chefe de todo o homem, que o homem é o chefe da mulher e que Deus é o chefe de Cristo". (Epístola aos Coríntios)

"A mulher - pode concluir-se do Novo Testamento - é o objecto vergonhoso do desejo que a Igreja Católica tenta transcender com o culto platónico pela Virgem Maria".

13. Não são só as religiões judeo-cristãs que rebaixam o papel da mulher e objectivamente negam a igualdade de género. O Corão também afirma a desigualdade das mulheres. "Os homens - cito o Corão - são superiores às mulheres por causa das qualidades com que Deus os dotou. As mulheres virtuosas devem ser obedientes e submissas".

14. Na Grécia, na China, na Índia, na América pré-colombiana ou na Pérsia, as religiões mostram também a sua pouca estima pelas mulheres. Assim, dir-se-á, creio, que o lugar das mulheres na maioria das religiões, nomeadamente nas religiões reveladas nas Escrituras, parece ser o reflexo do lugar que tiveram nas diferentes sociedades históricas do passado. Para os não crentes

será a prova de que as revelações divinas nasceram da imaginação dos que escreveram as Escrituras e não de uma instância divina transcendente. Não foi Deus que fez o homem, mas o homem que criou Deus...

15. Por isso, as religiões reveladas têm tanta dificuldade de tratar hoje com as mulheres, em tempo de igualdade de género - como um Direito Humano - da emancipação feminina, do feminismo e de cada ser humano seguir a orientação sexual que entender.

16. Mas a crença - note-se - não se situa no plano da racionalidade. A crença baseia-se na fé, que, segundo os católicos é uma benção de Deus. Há os que são tocados por essa benção e os que não são. Estes não acreditam no transcendente, nem na imortalidade da alma, para além da morte do corpo. Esses são os agnósticos, como eu, que duvidam, mas não negam. E os que negam, que são os ateus.

17. Recomendo-vos dois livros recentes, para terminar, contraditórios entre si e ambos fascinantes: um, de uma grande linguista e escritora búlgaro-francesa, Júlia Kristeva, "Cet incroyable besoin de croire"; outro, de um inglês naturalizado americano, Christopher Hitchens, professor, escritor e jornalista intitulado "Deus não é grande - como a religião envenena tudo" (traduzido, em português, pela D. Quixote).

Muito obrigado!

Lisboa, 27 de Novembro de 2007